

N.º 24 — LISBOA, 25 DE JUNHO

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO CREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. || Brazil, anno 52 num: os. 23500 rs.
Semestre, 26 numeros. 3500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio. 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros. 13800 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua de Almada, 32 e 34

A PARODIA e a Relação, ou as relações da PARODIA com a Relação



Faz favor de me deixar ... Ora o velho! ... Então, hein? Não querem lá vêr o typo!...

Em que declaramos poder limpar as mãos á parede

Os senhores da industria da tece-
lagem no Porto vieram a publico com
as suas razões.

Quaes são ellas?

Deus nos livre de entrar n'esse
exame — e, depois, queremos dar-
lhes absolutamente razão quando el-
les dizem — porque dizem — que os
jornalistas não estudam a fundo as
questões.

Nós, pelo menos, n'este jornal sem
sciencia e sem saber, não estudamos
a fundo as questões.

Olhamos para ellas á vista desar-
mada. Se não tem apparente defei-
to, deixamol-as passar. Se tem al-
gum aleijão, seguimol-as um instante
— congeminando.

A questão dos industriaes do Por-
to tem aleijão.

Qual é elle?

D zem os industriaes que, apesar
de toda a protecção que lhe tem si-
do concedida pelo Estado, a sua in-
dustria não prospera até ao ponto de
poder remunerar convenientemente
os operarios que a alimentam com o
seu trabalho.

Pagar melhor é a ruina — dizem el-
les, e acrescentam: o tecelão habil
póde manter-se.

Os industriaes argumentaram de
todo o tempo com os operarios habeis.

A maioria dos tecelões do Porto é,
portanto inhabil, visto estar demons-
trado que a sua situação é a de pu-
ros miseraveis.

Que dizer a isto?

Que ha uma unica maneira, ao
mesmo tempo logica e humana, de
resolver a questão do Porto — fechan-
do as fabricas.

Fechar as fabricas, dizem porém os
industriaes, é condemnar os operarios
á miseria.

Os industriaes não argumentam
com sinceridade.

Fechar as fabricas é condemnar o
capital á ociosidade. Eis o que é. Per
isso as fabricas persistem em abrir as
suas portas e em fazer ouvir o toque
das suas sinetas chamando os opera-
rios ao trabalho.

Se o trabalho dos operarios é uma
condenação á miseria, em virtude
de que raciocinio poderemos demon-
strar que a ausencia de todo o traba-
lho seja uma condemnação a uma mi-
seria maior?

O tecelão que não ganhe dinheiro
a tecer, procurará outro meio de ga-
nhar dinheiro. Eis tudo.

Mas os interesses da industria! —
exclama-se. Os interesses da indus-
tria não tem a menor importancia ao
lado dos interesses da humanidade.

Depois — onde está a industria?

Todo o negocio que não remunera
não tem razão de existir, e não ha o
direito de explorar homens, sob o pre-
texto de que elles cooperam em ne-
gocios pouco lucrativos.

Os industriaes do Porto não que-
sem arruinar-se.

E' perfeitamente justo. O que, po-
rém não é justo é que, para se pou-
parem á propria ruina, promovam a
ruina alheia.

Não pódem pagar?

Fechem.

O que não póde ser, porque é
inhumano, é que a mediania de meia
duzia de individuos custe a miseria de
quarenta mil.

Mas nós os jornalistas não estuda-
mos, com effeito, estas questões a fun-
do. Somos immensamente superficiaes.
Divagamos no abstracto da Justi-
ça e da Verdade. E' certo que fo-
mos nós que promovemos o advento
da burguezia, com a penna e com a
palavra, promovendo as revoluções
que a engendraram e mais tarde as
que consolidaram o seu poder. E'
certo que ella encontrou em nós, des-
de que existe, o instrumento da sua
influencia e da sua fortuna. Não im-
porta! Ella dá-nos com os pratos na
cara.

Fatal destino o dos cortezaños!

Deixamos de ser necessarios e co-
meçamos a ser nocivos á nova realza.

Ella já pôe um grande numero de
restricções á nossa capacidade e á
nossa influencia.

Eis-nos damninhos, depois de ter-
mos sido tão grandemente fecundos!

O sr. Samagaio, para engendrar o
qual nós fizemos seis sangrentas re-
voluções; o sr. Samagaio, saído da
penna dos encyclopedistas e das mãos
de Danton; o sr. Samagaio, creado
homem e creado força social pelo can-
didô esforço de Barbès, de Carrel, de
Blanqui e do divino Lamartine; o sr.
Samagaio arrancado, fumegante e
triumphante, das barricadas de julho
e mostrado ao mundo inteiro como o
mais bello trophéu da democracia, o
sr. Samagaio acha que nós não estu-
damos profundamente as questões!

Emfim, meus amigos, o sr. Sama-
gaio é uma cruel expiação!

O sr. Samagaio é a grande illusão
da nossa juventude.

O sr. Samagaio é o grande equivo-
co do nosso passado.

Se ha cem annos tivessesmos os
olhos abertos, como nós o teriamos
evitado! Mas quê! Ha cem annos, o
sr. Samagaio era o que nós então
pomposamente chamavamos a mais
bella conquista da revolução. O sr.
Samagaio era alguma coisa mais do
que um homem. O sr. Samagaio era
— os direitos do homem.

Eil-os, os direitos do homem!

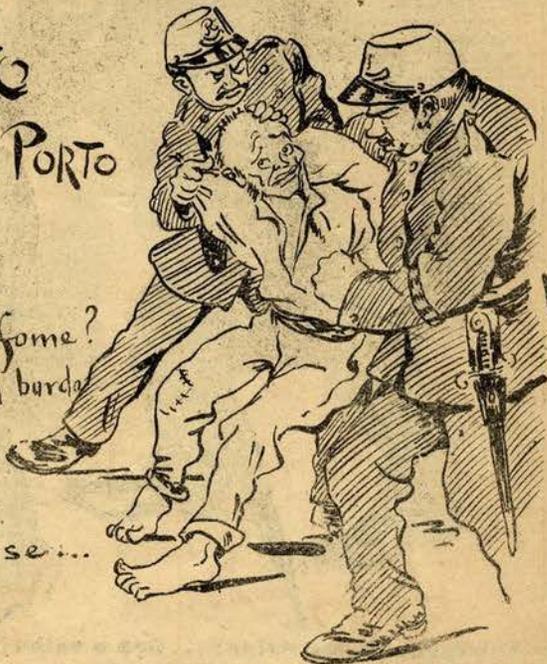
Destruimos uma tyrannia e forja-
mos outra.

Podemos limpar as mãos á pare-
de!

JOÃO RIMANSO.

NO
PORTO

- Oh! têm fome?
Gyra p'na burda
que lá,
do menos
come-se...



OUTRA NA FERRADURA

O rei da Servia, reconsiderou. Já não pune os conspiradores. Não era realmente logico.



Logo que se soube rei, telegraphou ao presidente do conselho :

«Do fundo do meu coração de servo, dou graças á Providencia que me dá ensejo de merecer o throno dos meus antepassados.» Ora aqui está.

Não houve conjuras. Houve decretos — Da Providencia. Quem afinal preparou o sarrabulho de Belgrado não foram os Machins e os Witches. — Foi a Providencia. A Providencia é a alliada dos reis.



Ao ter noticia da proclamação do novo rei, um irmão d'este, que, segundo parece, commandita uma loja de bebidas em Paris, não pôde conter-se: desceu a escada da sua casa e caiu nos braços... do porteiro.

Este porteiro ainda está destinado a ter um grande papel na Servia.

Emfim, isto não é uma nação: é o theatro das Variedades.



Agora, mais esta :

Uma comissão de senhoras da nobreza servia enviou uma carta á rainha Natalia, viuva de Milano e mãe do rei Alexandre, pedindo-lhe que se converta novamente á religião orthodoxa e partilhe do throno da Servia, casando com Pedro Etc... witch. Quer dizer: um 5.º acto para burguezes.

O drama da Servia acabava assim como os dramas do Principe Real — pela reconciliação geral.



Depois do chocolate :

«A municipalidade de Belgrado fez affixar nas ruas da cidade um aviso, prohibindo as reuniões em Belgrado e n'uma area de 20 kilometros em torno da cidade. Toda a infracção a esta prohibição será punida com tres mezes de cadeia.»

E' sempre assim. A primeira coisa que se pede depois de uma revolução é ordem.



Os jornaes dizem que o novo rei da Servia é profundamente socialista. Luiz Bonaparte tambem era profundamente socialista.

Não! Os reis querem-se reis. *En su tinta*, como as lulas á hespanhola.



Troupe Antoine.

«Todos os actores da Companhia Antoinette — diz um jornal — iam bem dispostos, excepto Suzanna Desprès, que não deixava de se mostrar um pouco apprehensiva ao emprender tão larga travessia, para um paiz desconhecido.»

Um paiz desconhecido — o Brazil? Ah! Sabemos já o que é. E' que, quem partiu, não foi a Suzanna Desprès: foi o Pedro Alvares Cabral.



Seio da representação nacional. Elogiando a reserva mantida pelo sr. Baracho, na discussão dos assumptos do Porto, o sr. presidente do conselho disse :

«Nem outra coisa era de esperar d'um homem que, é amante da ordem.»

Bom! Ficamos sabendo que o sr. Baracho tem uma amante.



Beja envereda definitivamente pelo caminho dos principios.

Um pae, residente n'aquella localidade, pretendeu registar seu filho com os nomes de Victor Hugo Rousseau.

Aqui temos o rapaz obrigado a escrever outra vez o *Emilio* e as *Contemplações*. Que massada!



Mais seio da representação nacional :

O sr. Costa Lobo. — Sabe que incommoda a camara e que os dignos pares estarão com vontade de jantar. Mas todos se devem lembrar de que no Porto ha centenaes de operarios com fome.»

Isto não é um deputado. E' uma nova marca de absintho.

Tomae sempre, antes das vossas refeições, o absintho Costa Lobo.



Litteratura e solfa :

A grandiosa opera d'esse genio musical que se chamou Meyerbeer, ao mesmo tempo dotado d'um assombroso poder de criação, que nos esmaga com as suas grandiloquas harmonias, e suggestionador, evocador d'aquelle sonho de belleza, que é a obsessão dos nossos cerebros, teve hontem no Colyseu dos Recreios interpretação condigna.»

Tradução: cantou-se hontem no Colyseu os *Huguenotes*.

O FERRADOR.



Melodias para a guitarra das hortas

Por muito grande fortuna
O monopolio não falta;
Arranja-o qualquer peralta
Que gosta de andar á tuna;
Mas diz lá o padre Luna
Ao sacristão Zé Izidro:
— Que me engula ou hydra ou hydro,
Que me esmague um elephante,
Se fôr capaz de ir ávante
O monopolio do vidro!



Monopolise-se o pão,
Monopolise-se a graxa,
Todo o traste de borracha,
Mas a vidraça é que não:
Fundo-me em boa razão,
Pois não tenho idéa tosa;
E digo logo — tó, mosca,
Nunca intrujarás a gente...
Porque o vidro é transparente,
Descobre logo a maroscal!



Não sei que outro monopolio
Arrazará o paiz,
Pois até mettem o nariz
No fedorento petrolio!...
Appellemos para o solio
Em portugueza lamuria;
E, pra fugir á penuria
Que cae em cima da albarda,
Vamos chamar o Bombarda
Para amansar-lhes a furia!



A VELHA DISCORDIA

(A proposito dos acontecimentos do Porto)



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O CÃO E O GATO

Tias

O dr. Guilherme Ennes, anda a levantar n'um jornal diário, o papel, a função, que na sociedade infantil desempenham as tias, como protectoras das creanças.

O distincto medico não precisa de especialisar dedicções d'estas boas senhoras a quem a sorte impoz, o agri-doce mister de mães artificiaes.

A lenda da sua dedicção é proverbial. Toda a gente conhece aquella anedocta reveladora de sacrificio em que uma d'estas senhoras pergunta a um sobrinho:

—Isso faz se á tia?



Esta é a mais conhecida, mais popularisa da; mas quantas ha que a publicidade não conta?

As tias são de certo, muita vez, a providencia; mas não registaremos tambem uma boa dose de louvor aos tios?

Elles são por sua vez, tambem, muitas vezes a providencia não só de parentes, mas ainda de estranhos.

As hespanholas que o digam.

Responsabilidades

Ha uma formula de defeza por parte do governo, que começa a irritar soberenamente a opinião publica.

Primeiro fazia rir.



Depois fez encolher os hombros.



Agora, faz nojo.



Ao exercicio de todos os caprichos, de todas as injustiças, de todas as illegalidades, o governo responde, invariavelmente, como razão summa: tomo a responsabilidade.

Que demonio é isto de tomar responsabilidades que ninguém pede?

Primeiro era o sr. Hintze o do reino; depois, foi o sr. Souza da fazenda; agora é o sr. Pinto da guerra, que tambem toma a responsabilidade. Todos tomam.

Isto não parece um governo, parece a Mariquinhas da camtigá:

Ora toma Mariquinhas
Ora toma . . .

Telegraphia comica

ROMA, 19.

«Contrariando os conselhos dos medicos o Papa recebeu os bispos das Philipinas, pelo que foi obrigado a recolher á cama com um forte ataque intestinal.»

Quem havia de suspeitar d'esta curiosa accção dos bispos das Philipinas sobre o canal intestinal de Sua Santidade?

Tomem nota os medicos.

**A grévo**

O que mais espanta, n'esta grévo da cidade do Porto, não é a attitud applicante de fome dos operarios, não é a repugnancia dos patrões em augmentarem o salario, ou concederem outras regalias humanitarias aos operarios.

O que espanta é a confissão tacita dos governantes, e dos amigos dos governantes — grandes jornalistas e grandes politicos — de que não sabem o que se ha de fazer!

Pergunta todo o paiz:

O que faz o governo para debellar a crise, para livrar o Porto do estado lamentoso em que se encontra?

O governo, silenciosamente, envia um navio de guerra para as aguas do Douro, naturalmente fundado no aphorismo: se queres paz prepara-te para a guerra.

Quando se soube gritou-se de todos os lados:

Mas que medida é esta? o que resolve, o que significa? E o governo explica que a medida não será a conveniente; mas que lançou mão d'ella porque não sabe o que se ha de fazer!

Os grandes cerebros dos jornalistas governamentais — refiro-me aos que passam por grandes cerebros — irritados pela attitud indignada da imprensa contra um tal acto, respondem: é certo que a resolução do governo não é absolutamente efficaz, que parecerá até revoltante a muitas cabeças sentimentaes e sonhadoras; mas se não é boa, se não resolve em coisa alguma o problema, façam favor de nos dizer o que se ha de fazer!?

E, pasma-se de tão grandes genios, que perante uma grévo — coisa que nos parece não ser de uma grande novidade entre os homens — tem este luminoso ponto de vista: perguntar aos outros o que se ha de fazer.

Em vista da declaração formal de incompetencia para resolver qualquer problema que não seja o de fazer desaparecer milhares de contos por alcapões vergonhosos em revoltosos trampolinicos, pergunta-se o que está então o governo a fazer nas suas cadeiras de espaldar, dentro das suas fardas bordadas?

Quem não sabe aprende, diz o rifão: o caminho dos ignorantes é o da escola.

Mas o paiz vê, ouve e cala-se: o paiz demonstra-nos assim que se o governo é profundamente idiota ha um ente maior, que se o não admira, o consente.

Quem será?

**Meditação de um ministro**

E' nojite: morna e branda vae a aregem;
O Zé esquece a lida afadigosa;
Dormindo em velha cama carunchosa
Onde os insectos vis acham pastagem.



Da pasmeira a mais perfeita imagem,
A patrulha caminha vagarosa;
Reso o larapio á santa milagrosa
E pede-lhe perdão da rapinagem.



Os jornalistas dormem nos seus quartos,
Arrotam . . . por que todos andam fartos
De almoçar e jantar assado ao ovo . . .



Ninguém tuge nem muge: uma delicia!
Hora vinda do céu, hora propicia
Para um tributo de esfolar o povo.



CASOS E COISAS

Santo Antonio



E' o mais sympathico dos santos. Mais poder do que elle, de mais virtude, mais pezo na balança popular que avalia meritos, influencias e gerarchias na corte celestial, algum outro terá; mas maior sympathia não!

E' o santo das mulheres! Elle tem o supremo condão de arranjar—um noivo!

Com esta faculdade, o venturoso alfacinha pode gabar-se de gosar todos os dias o sua ve encanto de uns olhos ternos, que pedem, docemente, na humidez setinosa da pupilla a realisacão de umas venturas que se distinguem sempre na anciedade dos corações femininos.

Alegria a sua imagem; porque o povo o fez novo, rosado e garoto: um malicioso seductor que espera as raparigas que vão á fonte para lhes quebrar as bilhas e l'has concertar de novo entre risos e sustos.

Milagreiro até ali. Salva o pae da força vindo de Padua aqui, sem sair de lá!

Faz que as parreiras dêem uvas fóra de tempo; ouvem-no os peixes e escutam-no os burros... e quem taes proezas faz, que difficuldade terá em fazer que um pobre diabo metta o peçoço na canga matrimonial? Elle é o santo dos amores novos sem esperança; dos corações que padecem; das virgens que suspiram...

Pela sua intervenção, uma rapariga tanto pôde achar um botão perdido da botina como um marido!

Que rico santo! O santo do casamento.

Qual será o dô divórcio?

Sim, a igreja ha de arranjar um para o divórcio... ha-os para tudo.

Este ha de ser muito embirrento para as mulheres.

Em compensação muito querido dos homens: o seu amigo, o seu libertador como Lincol ou como o sr. D. Pedro IV de saudosa memoria.

Ha de ter pouca sorte, este bemaventurado.

Nem a musica doente, nem a cantiga cristalina, nem a prece pudica, nem a lagrima feminina, nem o altar florido encontrará a provar-lhe a gratidão d'aquelles a quem libertar.

O que terá? Um tirar de chapéu, um aperto de mão—um obrigado, secco e frio masculino.

Emquanto que o velho paduano... é ir á praça, na noite, que precede a sua festa.

Uma multidão encalhada ondeia pelos aruamentos, move-se, grita, empurra-se. Compram-se cravos, vasos de mangericos, ramos de flores campestres. Estrugem aos ouvidos os rouxinoes de barro e n'aquelle inferno de milhares de vozes de sons dispersos, ouvem-se vagamente os sons das guitarras desafinadas que animam os baila-

ricos dos padeiros e das varinas, sob os can-deiros de gaz, ao sopé da estatua do d'adôr. Um estrangeiro que nos visite n'esta noite terá uma impressão de um desagrado extremo.

A multidão é grosseira, cheia de ditos chulos, os cantares avinhados, as mulheres pouco limpas e desgraciosas.

As familias prepassam carregadas de mangericos e de alcachofras, de cravos pintal-gados, typicos, inverosímeis.

A musa popular, a musa reles do ajunta-mento bonacheirão, não a viva e fresca musa do terreiro d'aldeia, do baile domingueiro, solta uns madrigaes engulhentos na bandeirinha que pende graciosamente na haste das flores.

Ha um quê de selvagem, de brutal, de repellente na festa. Os ebrios abundam, as me-retrizes pavoneiam-se escandalosamente, a prostituição clandestina revela-se na phra-se ou alvar ou torpe.

Ha grupos bulhentos de fadistagem em gala de braço com raparigas, de chailes sujos, dentes e cabellos, lenço para a nuca, ri-so facil e beiços gretados.



Ha silvos pelo ar, assobios estridentes, ruidos de latas batidas. Uiva-se, guincha-se, pula-se. O povo diverte-se.

A nota realmente bella é a da praça, em si. Os cogulos da fructa, o verde tenro das hervagens, o aroma campezino que são das mezas, por entre as rumas das hortaliças, enganam-nos o pulmão a fazel-o suppor em pleno campo, e evocam em nós um bem estar animal que se sente ao respirar o ar amplo das lezirias, depois de ter afogado o peito no ar infecto das captaes.

Cá fóra pelo Rocio ha grupos que fingem danças, fandangos idiotas, cantares avinha-dos e pulhas.

E n'isto se passa a noite, festejando-se o virtuoso portuguez. A lua passa sorrindo sobre estas scenas bacchicas e pede á madrugada que se apresse, para chegar a hora de varrerem as ruas.

Mas para o anno e para o outro e muitos outros, como há seculos, o santinho terá o seu throno pelas escadas, pelos degraus das portas, pelos largos e beccos.

Mais trambulhão, menos trambulhão, ap-nhará na convivencia da garotada; mais prego d'ali, grude d'acólá, o throno erguer-se-ha de novo e o rei do namoro occupal-o-ha restituído ao seu logar, á admiracão e amor das suas subditas.

De como se prova que os thronos hoje tem muita conveniencia, para beneficio dos reis, em serem de papelão e papel de forrar casas; como seria ainda mais conveniente para os mesmos reis que elles proprios fossem de madeira como o glorioso santo.

A tragedia da Servia, seria, n'estas condições, um briquedo para o Santo Antonio —o colla tudo.

M. B.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Aviso ao público

Desde 15 de Maio de 1903, os comboios em seguida indicados passam a ter 1 minuto de paragem no apeadeiro de Banhos de Amieira unicamente para serviço de passageiros:

Omnibus n.º 201 que são de Lisboa R. para Alfarellos ás 7 horas da manhã.

Mixto n.º 203 que são de Torres Vedras para Alfarellos ás 10 horas da manhã.

Misto n.º 209 que são de Lisboa R. para Alfarellos ás 6-45 da tarde.

Misto n.º 202 que são de Alfarellos para Lisboa R. ás 5-25 da manhã.

Omnibus n.º 206 que são de Alfarellos para Lisboa R. ás 5-25 da tarde.

Lisboa, 10 de Maio de 1903

Pelo Director Geral da Companhia

O Engenheiro Adjuncto á Direcção Gare

Augusto Luciano S. de Carvalho

Ourivesaria - Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e

concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99



Callista

pedieuro

JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 49, 1.º

(Frente para o Chião)

EXTRACÇÃO de callos e desencalhamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

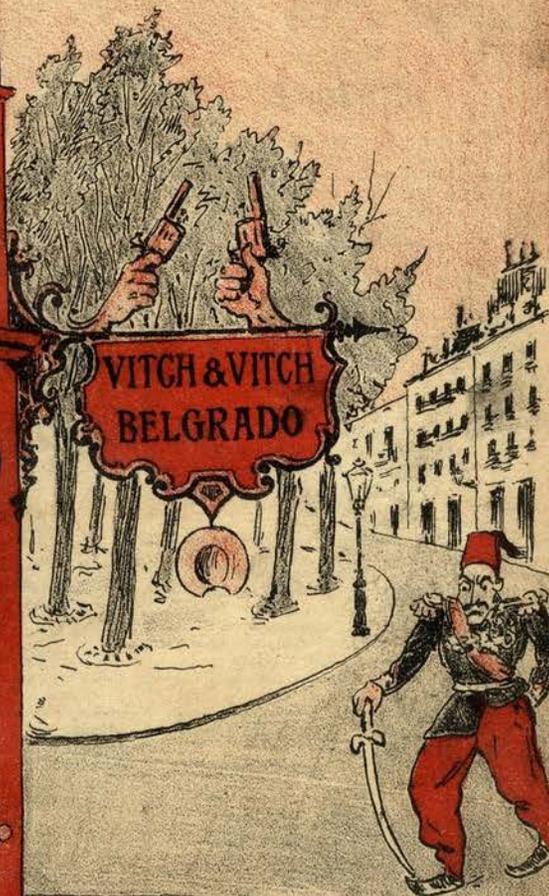
Ped-se ao publico que visite este consulto lo para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.



Das 9 ás 5 da tarde

A ACTUALIDADE

AGENCIA DE GOLPES D'ESTADO
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
ACCEITAM-SE ENCOMMENDAS
V. & V.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO